
Um romance urbano – *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*

Roberto José da Silva

Mestre em Teoria e História Literária – UNICAMP;
Professor do Ensino Público do Estado
de São Paulo.
São Paulo – SP [Brasil]
rojose26silva@ig.com.br

Neste trabalho, temos como finalidade mostrar que o romance *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* é uma obra essencialmente urbana e inovadora entre aquelas que integraram o chamado romance social de 1930, pois foi uma das primeiras a focar o operário na literatura brasileira. Nesse romance, Lauro Palhano conseguiu retratar, ainda que superficialmente, a vida e o drama dos proletários da borracha e da indústria no início do século XX.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Proletário.
Regionalismo. Romance urbano.

1 Introdução

Foi a partir da década de 1930 que os escritores brasileiros passaram a dar maior atenção às massas. Pode-se afirmar que, nesse período, a pobreza passou a ser considerada, de fato, tema importante e, conseqüentemente, o pobre foi retratado com dignidade, a ponto de tornar-se protagonista de romances. Nesse contexto, os escritores daquela época caracterizavam-se pelo empenho em desmascarar e denunciar o atraso e dependência de nosso país (CANDIDO, 1995). Os romances de tal período passaram a focalizar nossa realidade e isso ficou bem nítido na literatura regionalista de 1930, em perfeita consonância com os movimentos econômicos, sociais e históricos ocorriam no Brasil, tais como a crise do café, as constantes secas do Nordeste, a incipiente industrialização, a extração da borracha no Amazonas, que contribuía para o desenvolvimento da região Norte, e as lutas operárias em diversos lugares do país.

É nesse momento que surgiu em 1931, o romance *O Gororoba*: cenas da vida proletária, do engenheiro de máquinas Lauro Palhano. Esse romance foi um dos primeiros a retratar o modo de vida e as mazelas de trabalhadores do Brasil no início do século XX. O romance, dividido em duas partes bem distintas, narra a saga de um sertanejo, Cazuzo Amaro, que foge da seca do Nordeste e arrisca a sorte na região Norte, trabalhando na extração do látex, e dali vai para o Rio de Janeiro, onde passa a viver da exploração da indústria incipiente que surgia no país. Na primeira parte, tem-se o registro da seca do Nordeste e das péssimas condições de vida para os sertanejos da região de Caiacó, Ceará. Nessa parte, observa-se também o florescimento das cidades de Belém e de Manaus que se desenvolveram rapidamente em razão da

extração do látex. Já na segunda parte é retratada a incipiente industrialização na cidade do Rio de Janeiro, e a degradação do operário no ambiente industrial urbano.

2 O romance urbano: *O Gororoba*

No início da primeira parte, o sertanejo Cazuzo Amaro, após deixar o sertão e partir para a região Norte, espanta-se com o “progresso” de Belém, considerada a “Liverpool brasileira”. Não foi muito difícil para Cazuzo, arranjar emprego em uma oficina como auxiliar de ferreiro. Em pouco tempo, o rapaz recebeu o apelido de Gororoba, em razão de seus movimentos lentos, ou seja, apesar de sadio, seus colegas de trabalho notavam que sempre estava encostando ou sentando em algum lugar. Belém, naquele período, crescia e inchava rapidamente com o fluxo de imigrantes do sertão e comerciantes da Europa. Com o crescimento da cidade, iam surgindo simultaneamente os subúrbios onde a miséria imperava. O nordestino não conseguia adaptar-se àquela vida, por isso sentia muito as mazelas da vida urbana.

O progresso de Belém seduzia a população de todo o país e a de outros lugares do mundo. Os imigrantes nacionais, fortes, iam para os seringais; os europeus se atiravam no comércio e na indústria e os inválidos roubavam e esmolavam. A indústria e as oficinas navais impulsionavam o crescimento da cidade e, fazendo surgir a enorme classe operária e os bairros miseráveis:

Seis horas. Apita. A motora, na languidez da partida, espreguiça-se. Gemem, estalam transmissões, correias aderen-

tes às polias e tudo vibra no movimento que há de levar a vida aos molossos inertes. O operário cérebro da máquina dirigia. O ferro em obra reage: - embota as ferramentas, agride o homem, ora em estilhaços, em fagulhas, ora desprendendo-se bruscamente, partindo-se ferindo, matando. E enquanto o autômato executa a sua tarefa, na monotonia dos movimentos ritmados, o artífice volta, em pensamento, aos idílios da noiva, aos carinhos da esposa, aos beijos do filho, às alegrias e vicissitudes de seu lar, indiferente à obra, à máquina, e a tudo (PALHANO, 1931, p. 37-38).

A longa citação revela as condições de vida dos operários de Belém. No decorrer do romance, no entanto, não encontramos cenas do seringueiro trabalhando na coleta do látex, mas o ascendente fluxo migratório e monetário serviu de matéria para o escritor retratar as péssimas condições de vida do operário urbano da cidade em questão.

Outros comentários sobre a citação acima devem ser feitos. O primeiro diz respeito à modernidade e à industrialização que dava seus primeiros passos, no fim do século XIX e início do XX. O segundo revela a exploração e as péssimas condições de trabalho a que era submetido o operário urbano, que, sem qualquer proteção da lei lançava-se entre as engrenagens das máquinas sofrendo acidentes e não sendo indenizado. Todas essas condições insalubres e de degradação física impostas aos trabalhadores já foram bem pesquisadas por muitos historiadores, como Francisco Foot Hardman, Antônio Paulo Rezende, Warren Dean, e outros que estudaram as condições de vida

e de trabalho dos operários das indústrias têxteis de São Paulo e de outras capitais brasileiras das primeiras décadas do século XX.

A política trabalhista brasileira surgiu apenas em 1930, quando Getúlio Vargas centralizou o poder e criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Na constituição de 1934 Vargas, estabeleceu o salário mínimo. Segundo Boris Fausto (1995), a partir dessa data, surgiram leis de proteção ao trabalhador, sindicalização das classes operárias e patronais. No entanto, os sindicatos tornaram-se dependentes do Ministério do Trabalho.

Segundo Antônio Paulo Rezende (1989), antes de 1930 quase não existiam leis de proteção ao trabalhador e as poucas que haviam não eram rigorosamente cumpridas pelos patrões, em razão disso, crianças e mulheres, por exemplo, trabalhavam em horário noturno, sem qualquer garantia ou proteção. Segundo Warren Dean (1971, p. 164)

[...] em 1917, o governo publicou um decreto proibindo o trabalho noturno a mulheres e menores de catorze anos. Além disso, os acidentes se amiudavam, pois os trabalhadores, embora cansados, às vezes trabalhavam além do horário, sem aumento de salário ou trabalhavam aos domingos.

Em regra, nada impedia a demissão imediata dos trabalhadores após longos anos de serviços. De acordo com Boris Fausto (1976, p. 105), “[...] os operários que eram acidentados não eram indenizados. Inexistia a previdência social, nem a aposentadoria se desenhava como expectativa.”

É importante lembrar ainda que, nesse momento, os escritores estavam divididos em duas vertentes ao escrever um romance: o sociologismo e a imaginação. Pendiam ou para uma, ou para outra, mas a maioria aderiu ao sociologismo, recorrendo à fotografia e ao registro, explorando pouco a criatividade. O ideal teria sido conservar-se fiel à realidade e servir-se da imaginação na medida necessária. Como bem apontou F. M. Rodrigues Alves Filho (1938), o romance brasileiro daquele momento estava em pleno equilíbrio entre essas duas balizas. Bom exemplo disso encontra-se em *Angústia*, de Graciliano Ramos. O sociologismo, segundo Alves Filho, foi decorrência natural daquele momento, pois “[...] o romance brasileiro estava muito voltado para a realidade objetiva, obedecendo a uma lógica de sentido de uma nova ordem, que se integrava muito mais ao campo da observação.” (ALVES FILHO, 1938, p. 74). Nesse sentido, o homem do povo de diversas classes passou a ter importância na literatura, sendo objetos de denúncia, sua miséria e a sua exploração. E é nesse “romance social”, de registro e sociologismo que alguns romancistas passaram a apresentar e a descrever a vida dos proletários.

O Gororoba é um típico romance da vida urbana da primeira metade do século XX, em que se aborda o seringueiro no meio citadino e cuja dificuldade de sobrevivência é, às vezes, brevemente retratada. Em outras ocasiões, também é enfocado esse trabalhador que, apesar das dificuldades das primeiras décadas do século XX, estava fazendo fortuna em Belém e Manaus. Exemplo disso está em um episódio em que Cazuzza, ao chegar a Manaus, espanta-se com o torvelinho da cidade, gerado pelos operários urbanos e pelos seringueiros que ganhavam muito dinheiro, mas gastavam esnobemente:

Da capital do Amazonas um detalhe impressionou Cazuzza. Naquele recanto de mundo não havia miséria. Dinheiro não fazia falta a ninguém porque todos o ganhavam facilmente. Era de fato a Terra da Promissão; a Fome não a descobrira ainda.

Entre a população operária que Cazuzza viu nas oficinas e nas ruas, predominava o elemento português. Pela primeira vez viu o operário típico: blusa de zuarte sobre calça do mesmo pano, gorro ou boné, sóbrio de roupas e avesso aos esbanjamentos, ameaçando para ir à terra ...

Pelos hotéis, teatros e cafés, os seringueiros ridiculamente vestidos, fartamente endinheirados, gastavam com mulheres detestavelmente velhas, feias e pintadas; mulheres detestavelmente bonitas e imorais, atirando-se a todo mundo para sugar dinheiro fosse seringueiro [...] (PALHANO, 1931, p. 176).

Veja que essa passagem descreve o operário europeu bem trajado e, provavelmente, consciente de sua classe, assim como aconteceu, de fato, em nossa história, pois os europeus que vieram para o Brasil eram bem articulados e foram muito importantes na formação dos sindicatos, além de serem responsáveis pelas primeiras greves, em razão da experiência adquirida. Do outro lado, vemos o oposto disso: os trabalhadores dos seringaais, que eram uma espécie de desterrados mal trajados e que nada conheciam de luta de classes e gastavam o dinheiro com coisas fúteis.

Com a baixa do valor da borracha, a situação piorou para os seringueiros. Enquanto muitos tiveram de retornar para o sertão, outros foram

para o Sudeste. Aqueles que, no entanto, decidiram permanecer sofreram as agruras da desvalorização desse tipo de produto. Em razão do novo quadro, a cidade da promessa tornou-se miserável, as noitadas e bordéis acabaram, as avenidas e ruas ficaram desertas, e os cafés, sem fregueses, passando a reinar o silêncio. As mulheres migraram para outros lugares, pois não havia mais dinheiro ali. Os navios atracaram nos portos, os marujos e estivadores ficaram de braços cruzados e angustiados com o desemprego.

Como os ingleses desenvolveram um método eficiente de plantação e extração da borracha na Ásia, deixaram de dar atenção à produção brasileira. Nesse contexto, restava ao caboclo e ao nativo a sobrevivência apenas pelo extrativismo primitivo pouco lucrativo; além disso, esse trabalhador concorria diretamente com a produção asiática.

Naquele momento, surgiam os sindicatos de classes, mas, comprometidos com o governo; por isso poucos conseguiam lutar pelos direitos dos operários. Além do mais, o fortalecimento dos sindicatos, nesse período, foi mais presente na região Sudeste do que nas demais áreas. Isso ocasionou uma luta menos articulada contra os donos dos seringais; em decorrência, a vida foi-se tornando cada vez mais difícil para quem trabalhava ali.

A bordo do Tocantins, um velho navio do senhor Müller, Cazuzza, como maquinista, seguiu para o Rio de Janeiro, onde planejava encontrar emprego. Lá chegando, foi procurar um lugar para ficar provisoriamente. Ao caminhar entre as ruas da capital do Brasil, encontrou Correia, um velho amigo da escola de pilotagem e máquinas do Pará. O ambiente alegre e festivo encantou o jovem, mas as dificuldades da cidade grande vieram de modo avassalador para o nordestino. Tempos mais tarde Cazuzza encontra Abgail, ex-operária

dos seringais do Pará, e com ela vai morar em um quarto alugado num “casarão” velho na rua São Cristóvão, onde enfrentaram muitas dificuldades de convivência.

Era na rua São Cristóvão, velho solar dentro de uns restos de parque, pintalgado dos vestígios da nobreza que o habitara: estatuetas aleijadas, fragmentos de brasões de armas, em gesso, ruínas de camachões. Dentro de uma mancha que fora lago, cheia de folhas secas, dois cisnes de pescoços entrelaçados, já sem as cabeças, quebradas as azas (sic), jaziam na imobilidade da louça. [...] O antigo gramado era agora coradouro amplo, e o velho chafariz de pedra, um golfinho jorrando água, quando havia, era o lavadouro onde as mulheres tosavam a pele alheia, sujando-a, enquanto lavavam roupas. [...] O velho prédio, abundante em estuques internos, abobados e volutas, tinha notável acústica. De fachada austera, fidalga, dava a impressão de um miserável nobre e orgulhoso, de pé, esmolando na via pública [...] (PALHANO, 1931, p. 259-260).

O velho casarão, aqui configurado como antiga mansão de um nobre barão, tornou-se um cortiço habitado por operários miseráveis. Sua condição de conservação denunciava os possíveis habitantes daquele lugar. Ironicamente, o autor satirizava as mulheres que queimavam a pele no chafariz, em um trabalho árduo, lavando roupa e sujando a água daquele que fora o lugar de embelezar o jardim. Os pequenos animais de gesso, todos mutilados, refletiam a degradação daquele

espaço abandonado por um proprietário que pouco se interessava em fazer manutenção ou reconstruí-lo para ali voltar a morar. E assim, o casarão tornou-se um grande cortiço onde se instalaram aqueles que ainda não eram mendigos, os que, explorados no trabalho, recebiam uma ninharia. E dali, “orgulhosos de sua moradia” insalubre, os operários iriam vender, a preço baixo, a sua força de trabalho.

Mais adiante, no romance, temos uma descrição do ambiente imundo do casarão, onde mulheres, homens e crianças se misturavam formando um único ambiente naturalista, característico dos ambientes repugnantes da obra de Zola:

Moravam ali cerca de 50 casais, com filhos, parentes e aderentes. Salas, salões e outras dependências, foram divididos e desdobrados em cômodos menores, por *meios tabiques*, dando em planta a impressão de um gigantesco cortiço. Operários do Arsenal de Guerra, dos estaleiros e serrarias vizinhas, marítimos, viviam agora sob o teto que viu os esplendores de mais de meio século de existência aristocrática.

À noite o velho casarão tinha ressonâncias do outro mundo, tonitruantes, sibilantes; palestras de sonâmbulos, gritos, gemidos de pesadelos.

Um catraieiro, velho português que fora marinheiro de mar a vela, tinha sonhos tempestuosos: – manobrava “joanetes” e “para-figos”, em voz trovejante, praguejando como um bom marujo.

Ranger de leitos, respirações ofegantes, choros de crianças, davam ao solar-paradeiro a impressão de um recinto estranho, povoado de fantasmas, tresandando

a olores de ar confinado, superlotado de estômagos e intestinos mal educados.

[...] Pelas manhãs, saíam os vadios para o trabalho, para o vício, ou para a *covação* da vida. As crianças, iam umas para as escolas, a maior parte para os monturos catar lenha para o fogareiro do quarto e ferro velho, pregos, resíduos de metais para venderem. Os velhos, para a mendicância e para as portas dos trapiches, apanhar milho, feijão, café, peneirando-os dentre as dejeções dos animais, no meio-fio. Mocinhas, nesse mister, sujas, esmolambadas, viciavam a moral entre carroceiros e vadios, pedindo níqueis e esburacando as sacas para melhor colheita

As lavadeiras agrupavam-se em torno da velha bica contando os sonhos, escolhendo palpites para o bicho, comentando os fatos da véspera [...] (PALHANO, 1931, p. 260-261, grifo nosso).

O casarão possuía um ambiente próprio do naturalismo, ali residiam loucos, mendigos e mocinhas, que viciavam os ambientes; enfim, o casarão era um verdadeiro antro. Provavelmente antes do romance, até mesmo, teve a obra de Zola como base para a construção dessas cenas. O trecho aí exposto demonstra escancaradamente os vícios e a degeneração dos personagens que ali moravam. De um lado, havia as crianças, que logo cedo saíam para vasculhar objetos com o intuito de transformá-los em alguma renda, e as moças que corrompiam o ambiente por meio da sexualidade. De outro, as lavadeiras de roupas iludidas em sonhos, que, certamente, jamais se realizariam; além disso, ainda apostavam a sorte no

jogo de bicho, na esperança de conseguir algum dinheiro fácil.

Com isso, podemos dizer que o casarão não passava de um ambiente no qual a sordidez imperava e, gradativamente, corrompia as personagens, o que motivou Cazuzza a sair dali rapidamente. Com medo de que Abgail fosse levada ao vício por algum outro morador, o jovem operário tratou rapidamente de arranjar outro lugar para morar. Com um pouco de sorte conseguiu alugar uma casa em Jacarepaguá, num vilarejo operário. Assim como essa vila, muitos bairros também eram degradantes e a maior parte ficava nos subúrbios e morros, contrastando com a paisagem da cidade maravilhosa dos belos e grandes bairros:

Um contraste pareceu-lhe flagrantemente brusco: — a opulência nos vales, a pobreza nos morros, salvo nos morros chique, onde a miséria escorregava-se para as encostas.

Noutros, dentro da mesma pobreza, os mais “folgados” ocupando as ruas, os mais pobres nas escarpas, por veredas como de pacas, de acesso difícil, em contorções de funâmbulos, nas noites escuras, nos dias chuvosos, em pleno coração da cidade!

A série de cerros, leste-oeste, da conceição, Saúde, favela e Pinto, parece-lhe o mais flagrante cartel de desafios aos direitos do operário, quanto ao conforto da vida moderna. Em baixo, bondes, luz em profusão, asfalto, arborizações cuidadas, automóveis velozes, palácios e vivendas, o tráfego intenso dos bondes. Em cima capim, barro, pedra lascada, numa extensão de quase quatro quilômetros, onde poderiam ser abrigados

cerca de cem mil proletários, perto do centro de suas atividades, ao centro do rio industrial, em melhores condições de higiene.

Subiu à favela. Achou um dos melhores panoramas da cidade. Extasiou-se ante o horizonte cheio de deslumbrantes perspectivas. Nas fraldas, grudadas à pedra escaudante e nua, furnas cobertas de folhas de Flandres, ex-latas de querosene como tetos, como paredes. À noite, vendo os morros vizinhos luzirem d’entre as trevas, teve pilhas incandescentes, agachados, esperando o momento oportuno para caírem sobre o vale em festa, premidos pelas necessidades do vier [...] (PALHANO, 1931, p. 251-252).

Essa citação registra claramente a vida rude daqueles operários do Rio de Janeiro. Do alto do morro, Cazuzza tinha uma visão panorâmica dos barracos. Dali, o operário via estagnado “os barracos” que, no seu conjunto, tinham a forma de colméia, onde viviam pobres miseráveis e maltrapilhos, cuja força de trabalho era explorada pelos proprietários.

Nessa cidade, os espaços destinados à moradia e à circulação dos operários eram as áreas menos valorizadas, que apresentavam pouca ou quase nenhuma condição de saneamento básico. Os trabalhadores eram arremessados e segregados em subúrbios nos morros.

Esse retrato é típico de um país em desenvolvimento, em que a dissolução das estruturas agrárias empurra para as cidades, camponeses sem posses, arruinados, ávidos de mudança, e os subúrbios os acolhem desempenhando papel de mediador (insu-

ficiente) entre o campo e a cidade, entre a produção agrícola e a industrial.

Nesse romance, o autor enfoca a ascensão da indústria nacional daquela época, mas não deixa de relatar que os operários não desfrutavam desse viés. Apesar da grande oferta de emprego, viviam em total miséria e eram explorados por patrões e prestamistas. Além da má remuneração, enfrentavam a disputa com os trabalhadores estrangeiros, mais experientes e com melhor instrução profissional. As cenas de alguns ambientes industriais retratam cruamente a vida desses operários, muitos da região, e outros oriundos do sertão:

Era o mesmo operário do Norte: - mal instruído, mal dormido, mal alimentado, mal remunerado, de rendimento quase nulo, lutando com o concorrente estrangeiro, mais bem defendido com mais experiência, melhor instrução profissional e literária, melhor compleição física e maior solidariedade entre si, patriotismo maior [...] (PALHANO, 1931, p. 251).

E assim era a vida dura de Cazuzza e Abgail. Como se não bastasse, o casal teve dois filhos, aumentando ainda mais a despesa, dificultando, e muito, a manutenção da família, pois só Cazuzza injetava dinheiro. E assim continuou enfrentando as mazelas da vida urbana e das péssimas condições de trabalho que lhe eram impostas. Sua vida continuou sendo explorada pela industrialização que a capital do Brasil passava. Foram muitos os empecilhos: o salário baixo, insuficiente para sua subsistência; os acidentes corriqueiros que o mutilavam; e tantos outros itens que, aos poucos, iam minando sua saúde, levando-o a ficar acamado, sob

a garantia de um seguro. Por fim, o operário torna-se descrente de tudo.

É sabido que, com a modernização progressiva da cidade, houve para os centros urbanos, onde a criação de atividades e empregos era mais dinâmica. As atividades capitalistas da cidade, notadamente as indústrias, necessitavam de trabalhadores que dispusessem apenas de sua força de trabalho. Eles formavam enorme exército de fornecedores de mão-de-obra, do qual se extraía o valor excedente, fonte de acumulação de capital.

Neste contexto, *O Gororoba* é um romance tipicamente urbano. Suas cenas focalizam as personagens no espaço citadino, desde Belém, passando por Manaus, ambas apresentando um crescimento impulsionado pela extração do látex, até chegar ao Rio de Janeiro, com crescimento tímido da indústria nacional, motivado pela cultura do algodão, da indústria naval e pela Primeira Guerra Mundial.

As péssimas condições de vida e de trabalho impostas aos operários estão presentes ao longo do romance, sempre denunciando a degradação que sofriam e o desejo de luta por melhores condições:

[...] – Coitado do João começou o torneiro, ninguém pode avaliar como sua morte abateu-me. Não pelo fato em si – ninguém fica pra sempre – e sim pela miséria em que viveu, trabalhando; pela miséria em que deixa a família, mendigando; pela miséria de justiça em que vivemos, nos matando.

Você assistiu-lhe o enterro hoje, à custa de subscrição nossa, mas não sabe que durante os últimos seis meses se manteve,

entre viver e morrer, da esmola pública, da esmola de seus amigos.

Morreu aos sessenta e três anos. Só ali no estaleiro trabalhou 30, mais da metade de sua vida operária! (PALHANO, 1931, p. 268).

As lamentações dos sindicatos e das associações são muitas; no entanto, sem a efetivação de uma greve ou de conquista concreta:

Nas associações de classe, nos grupos e conciliabulos de bordo, pelas esquinas e botequins, discutia-se o mal de tenebrosa ameaça; sugeriam-se remédios, discutia-se, comentava-se.

Eugênio achava que a coisa estava ruim porque ninguém levava nada para o Amazonas. Aquilo sempre fora lugar de tirar, “nunca ninguém botou nada”. Todo mundo chegava montado nos pés com os *calcanbá* na garupa e saía arrotando contos e reis; portando tinha mesmo de se acabar. Entretanto, continuava, precisamos reagir roubem o dinheiro, levem-no, mas paguem-nos as soldadas, que é dinheiro sagrado e paguem-nas de acordo com as necessidades cada vez maiores da vida. O lugar de peixe é na água, o de marinheiro é a bordo. Desarmar, para o marujo significa matá-lo. Ademais, dê ou não dê, a borraça é armardiçoada! Que é que dela fica? O inglês a compra, deixa a libra outra vez. Quando não a leva toda, o turco do regatão leva o resto, ou os comandantes e patrões vão gastá-la no estrangeiro. E ainda querem reduzir à metade o *sernamby* que fica para as bestas? ... Não, só a greve!

O raciocínio de mestre Eugênio sintetizava a situação como a encaravam os embarcadiços e o pensamento d’estes, mas nenhuma das classes se decidia.

Cazuza dispunha de alguma influência no meio, pela moderação de seus hábitos e de sua língua. Ele e o presidente do Grêmio, André santos, eram dos poucos contra a greve. Os exaltados, porém, queriam-na, e a fizeram. Os maquinistas dos navios fundeados no porto desembarcaram. Os demais embarcadiços, não.

O fato de terem grevado sós, pareceu a Cazuza que o movimento morreria antes de nascer ou, pelo menos, de crescer, e, nesta esperança foi à procura do André para trocaram idéias [...] (PALHANO, 1931, p. 202, grifo nosso).

3 Considerações finais

Como já foi dito, os sindicatos de classe, naquele momento, não existiam, e os grêmios eram inexpressivos, de modo que não havia meios de obter qualquer conquista para os trabalhadores. Uma greve não era a saída mais segura, pois havia muita mão-de-obra ociosa. Assim, apenas alguns operários entraram em greve, sem a adesão dos demais companheiros.

Desse modo, os operários encontraram no Rio de Janeiro a liberdade e, ao mesmo tempo, a negação dela, porque não podiam dispor de si mesmo como força de trabalho. A capital do Brasil – esgotada a capacidade de absorção – passou a concentrar uma força de reserva, além dos limites seguros e controláveis pelo sistema capitalista e pela própria estrutura urbana.

Paralelamente ao desenvolvimento das indústrias, as cidades iam crescendo e a população inchava significativamente. As cidades ao concentrarem certas atividades econômicas, criaram uma base de serviços necessários à circulação e distribuição de mercadorias. Assim, configurou-se, segundo as razões do capital industrial, um mercado de consumo amplo e organizado, que absorvia a produção da fábrica, e criando um campo de trabalho livre e assalariado, que foi a condição principal para a instalação das fábricas modernas como produtoras capitalistas de bens. Esse mercado, para o historiador Francisco Foot Hardman (1991, p. 122), “[...] implicou na existência de um contingente de proletários possuidores de força de trabalho, que se tornou mercadoria disponível para os capitalistas, e esse fator foi intensificado no Brasil a partir de 1930.”

Nesse período de ascensão da indústria nacional e de crescimento das cidades, os conflitos com a classe operária se acirraram, com a realização de greves organizadas pelas associações de operários contra patrões e o Estado. Além disso, os centros urbanos foram os lugares privilegiados para a liberdade e discussão de várias idéias. Assim, as cidades tornaram-se centros de concentração de idéias de diversas pessoas que pensavam em um mundo mais humano, ou seja com ênfase, na revolução do operariado.

As cidades configuradas nesse romance estão sob o processo de desenvolvimento industrial e se apresentam como espaço de difícil adaptação para o sertanejo, pois ele não consegue ambientar-se ao ritmo de vida das urbes. Os diversos ambientes citadinos, antagônicos ao do sertão, tornam-se verdadeiras armadilhas para o sertanejo. Existe ainda, a tentativa de retornar ao lugar de onde

nunca deveria ter saído, viver sob o flagelo da seca era menos pior do que ter o sangue sugado pelas indústrias nas cidades. O sonho de obter uma vida melhor tornou-se um pesadelo. A urbe só reservou para esse matuto as ciladas da ilusão de que a vida ali era melhor.

Dessa forma, concluímos que *O Gororoba*: cenas da vida proletária do Brasil é um romance urbano, assim como muitos outros em nossa literatura, cuja singularidade está na ênfase dada ao operário brasileiro embora isso ainda se realize de modo ingênuo. No entanto, o grande mérito obtido, acreditamos que seja fotografar, de modo eficaz, a vida de operários urbanos de Belém, Manaus e do Rio de Janeiro num período em que as cidades do Brasil passavam por grande avanço em consequência da extração da borracha, no Norte, e dos primeiros passos que a industrialização brasileira dava, notadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A urban romance - *O Gororoba*: scenes of proletarian way of Brazilian life

The objective in this paper is to show that the novel *The Gororoba*: scenes of proletarian life of Brazil is essentially urban and innovatis among those that belong to the social novel in 1930. Palhano's story was one of the first that focalize the workman in Brazilian literature. He got to show us in this novel, evenil superficially, the life and the drama of the proletarians that worked in rubber extraction and in industry in the beginning of the XX century.

Key words: Brazilian literature. Proletarian.
Regionalism. Urban novel.

Referências

ALVES FILHO, F. M. R. *Sociologismo e imaginação no romance brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. *Trabalho urbano e conflito social: 1890 - 1920*. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

DEAN, Warren. *A industrialização em São Paulo: 1880 –1945*. 1. ed. Tradução Otávio Mendes Cajado. São Paulo: DIFEL; USP, 1971.

HARDMAN, F. F. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

PALHANO, L. *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1931.

REZENDE, A. P. *História do movimento operário*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

recebido em 11 jul. 2007 / aprovado em 19 nov. 2007

Para referenciar este texto:

SILVA, R. J. da. Um romance urbano – *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. XX-XX, 2007.
